



O Lugar do Sensível na Educação do Futuro

Artur Manso^[1]

artur.s.manso@gmail.com

Temos, sobretudo, de aprender duas coisas: aprender o extraordinário que é o mundo e aprender a ser bastante largo por dentro, para o mundo todo poder entrar.

Agostinho da Silva

Resumo: A intenção deste ensaio é, na atual encruzilhada da educação que obriga, no mundo ocidental, até aos 18 anos, crianças, adolescentes e jovens a tarefas inúteis sob o signo da ciência e tecnologia, rever as finalidades do ensino escolar que se mostra inútil. Para obviar a esta dificuldade enfatizada agora pela UNESCO, sugiro, na esteira da proposta de Schiller, uma educação estética, porque, na impossibilidade de a escola findar, é obrigatório que se adapte às novas realidades. Aqui, seguindo os propósitos das ciências emergentes, as neurociências, apelo a que a educação junte à objetividade lógica que se tornou exclusiva, a sensação e a emoção, obrigando a tratar de igual modo o sentir e o pensar, o fazer e o contemplar.

Palavras-chave: Educação; Escola; Indivíduo; Razão; Emoção.

The Place of the Sensitive in the Education of the Future

Abstract: The intention of this essay is, at the current crossroads of education that forces, in the Western world, children, adolescents and young people up to the age of 18 to perform useless tasks under the sign of science and technology, to review the purposes of school education that proves to be useless. To overcome this difficulty now emphasized by UNESCO, I suggest, in the wake of Schiller's proposal, an aesthetic education, because, if school is impossible to end, it is mandatory to adapt to new realities. Here, following the purposes of the emerging sciences, neurosciences, I call for education to combine the logical objectivity that has become exclusive, sensation and emotion, forcing us to treat feeling and thinking, doing and contemplating in the same way.

Keywords: Education; School; Individual; Reason; Emotion.

^[1] Universidade do Minho – Instituto de Educação, Portugal.

Introito

Compete a quem se preocupa com o futuro da educação ou a educação do futuro pensar em outras formas de educar de acordo com os tempos e as circunstâncias, tanto mais que a inteligência artificial ameaça substituir cada professor por algo mais eficaz e utilitário, pelo que se deverá refletir em outros modelos de educar e formar cada indivíduo para que seja membro pleno da sociedade em que se insere e da cultura que partilha com os restantes habitantes do planeta em que habita.

Da minha parte, apresento a educação estética ou a reabilitação do sensível ante a razão pedagógica como uma outra abordagem de ensino e educação para contrariar o modelo racional e o que a inteligência artificial reproduzirá quase de certeza: educar para produzir, adquirir para ter, consumir para alimentar a cadeia material. As escolas, desde há muito, pelo menos desde a revolução industrial, que são fábricas de produção e consumo, com a particularidade de que os produtos que alimentam essa série são seres de carne e osso, um todo constituído por valências equivalentes: a razão e a sensibilidade. Aqui pretendo sintetizar e alargar às

melhores práticas dos dias que correm, mesmo no seio da UNESCO, aquilo que já sistematizei no ensaio que publiquei em 2023 com o título: *Educação Estética. O Belo Enquanto Manifestação do Bem*^[2].

Afinal, o ser humano, como agora enfatizam as neurociências, na pegada do filósofo, mas também médico, físico e matemático René Descartes (1596-1650), é um ser que pensa, **razão**, mas também que quer e sente, **emoção/sensação**. Seguindo no encalce do título do neurocientista António Damásio, não foi Descartes que errou, o engano foi daqueles que seguiram apenas uma parte das suas meditações, as que se atêm à racionalidade estrita e as souberam impor como *leis universais* por muitos e longos anos.

E reafirmo que a dimensão estética na componente educativa de que falo é distinta da educação pela arte: a primeira procura mostrar como as sensações e as perceções precedem qualquer ato racional da aquisição do conhecimento que a educação desde sempre tomou como prioritária, a segunda usa os produtos da criação artística nas mais diversas áreas como

[2] MANSO, Artur (2023). *Educação Estética. O Belo Enquanto Manifestação do Bem*. Estratégias Criativas.



ferramentas da compreensão e análise desse recorte da experiência, música, artes plásticas, cinema, teatro, bailado, literatura, poesia, visando estimular vocações e formar públicos para as artes. A educação estética pretende apenas devolver o homem à sua humanidade, procedendo para tanto à necessária complementaridade entre razão e sentimento na análise do vivido.

O Sentido da Educação Estética

A educação estética é cada vez mais premente na atualidade como mostra a sofisticada aparelhagem tecnológica e as redes sociais que dedicam parte significativa dos seus conteúdos aos jogos e diversão, tendo, assim, a atividade lúdica dos indivíduos como ponto de interesse principal, o que evidencia o lugar central do brincar, da diversão, no reconhecimento efetivo de que a razão e a sensação não devem ser olhadas como adversárias, mas como cooperantes no retorno esperado à origem do indivíduo. E não é verdade que a mentalidade racionalista tenha levado ao desprezo das outras maneiras de conhecer, bem pelo contrário. Verdadeiramente, o que se tem feito, no campo edu-

cativo, é um mau uso da razão, porque já Platão defendia ser preciso recorrer ao mito para compreender o cotidiano, Aristóteles inicia a *Metafísica* relevando que o desejo de conhecer dos seres humanos se revela no “nosso zelo pelos sentidos” e Lucrécio (94 a.C.-51/50 a.C.) garante “que o conhecimento da verdade resulta em primeiro lugar dos sentidos”, acrescentando que a “vida desabarará, se não ousarmos confiar nos sentidos”.

O lugar do sensível no seio da educação não é, portanto, uma questão nova, tendo aparecido como preocupação axial num tempo de cientismo e positivismo já acentuado, a que quase ninguém dispensou atenção, com Schiller (1759-1805) e a publicação, em 1795, das suas *Cartas Sobre a Educação Estética do Homem*^[3]. O pensador alemão apresenta as *cartas* como um manifesto de combate ao excesso de racionalismo e cientismo que invadia a educação dos povos que se rendia às exigências de produzir mais, sem ter em consideração a individualidade de cada um, relativizando, assim, o estado estético, lúdico, enquanto caminho

[3] SCHILLER, Friedrich (1993). *Sobre a Educação Estética do Ser Humano numa Série de Cartas e outros Textos*. IN-CM. Edição portuguesa.

para atingir o caráter moral subjacente, na harmonia quebrada entre o homem e a natureza pelos excessos da modernidade que promoveu a separação da sensibilidade estética e do ideário científico e tecnológico. No sentido de repor a unidade perdida e as características que elevam o ser humano ao mundo dos valores e do bem, Schiller apela, então, a uma educação que sirva de “apoio que a torne independente do Estado natural que se quer dissolver. Tal apoio não se encontra no carácter natural do ser humano que, egoísta e violento, visa mais a destruição que a conservação da sociedade” (1993, p. 33).

Os sentidos, nas mais variadas expressões, literatura, poesia, música, fotografia, dança, teatro, cinema... ativam nos indivíduos dois expedientes muito importantes: a emoção e a expressão. Aqueles que desenham os programas escolares nos mais diversos níveis continuam a acreditar que as questões em torno da sensibilidade se resolvem com o ensino das artes que ocorre nas escolas especializadas e que apenas são frequentadas por quem mostra ter as capacidades exigidas para cada manifestação artística, não se distinguindo, neste parti-

cular, da educação geral: esta visa o cognitivo e a cultura geral; aquele o aprimoramento das capacidades para exercer determinadas competências o mais perfeitamente quanto possível. Ambas ambicionam formar profissionais de eleição. O instrumentalismo utilitário subjaz aos propósitos de todas as formações e o que se procura com a educação estética é aquilo que já o enciclopedista Diderot aconselhava: “depois de se ter feito uma arte de aprender a música, dever-se-ia fazer uma de escutá-la [...] depois de se ter feito uma arte da poesia e da pintura, é em vão que se fez uma de ler e de ver” (2000, p. 258). Não sabemos se o mundo será salvo pela beleza, como afirmava o Príncipe Míchkin em *O Idiota* de Dostoievski, mas todos reconhecemos que a beleza está sempre no horizonte das decisões humanas. Seja isso o que for. Quando as profissões acabarem, a educação estética tornar-se-á ainda mais premente, porque será a única via capaz de colocar o indivíduo no ócio definitivo que acompanhará a humanidade em todo o percurso de vida. A atividade plástica – pintura, escultura, jogo, música, jardinagem, decoração... - é a única estratégia que cativa para a participação iguali-



tária de todos os seres humanos sem distinção de classe, género, cor, nível intelectual, idade, capacidade física e era nesse reconhecimento que Rui Grácio (1921-1991) afirmava ser:

estética toda a formação educativa que assenta num apelo às condições afetivas da aprendizagem [...]. Em sentido mais restrito, entendo agora por estética a formação educativa que faz apelo a certas formas de valorar, de sentir, de criar, envolvidas no denominado juízo estético (1995, p. 86).

Como exemplo alargado e mediático desse desiderato, a primeira-dama norte-americana, a professora e educadora Jill Biden, juntando a educação e a política, tendo ou não presentes as cartas de Schiller sobre a educação estética da humanidade, a 5 de junho de 2023, no auditório do *campus* da Universidade Católica em Lisboa, aquando da sua participação no programa do 60.º aniversário do “Art In Embassies” promovido pela embaixada dos Estados Unidos da América, destacou, ao refletir sobre a arte e a diplomacia, sobre o lugar ou papel da arte na vida dos indivíduos e dos **povos**, e a sua capacidade de fortalecer os laços demo-

cráticos e a vida em comum que “A arte é a evidência da Humanidade, mesmo quando é fácil ficar perdido nas diferenças”, ela promove a união num mundo em que toda a gente se encontra alienada no fazer do dia a dia: “alimenta os nossos espíritos quando temos fome por mais. Mostra as nossas dores e alegrias. Mostra que não estamos sozinhos e que pode haver beleza em todos os momentos”. É a certeza de um fundo comum da Humanidade que perdura para lá de todas as diferenças, porque é promotora, como expressou Schiller, da justiça, liberdade, cidadania e autonomia. Megan Beyer, diretora da iniciativa, realçou que o objetivo central daquele evento era “a divulgação de valores como a liberdade e o respeito pela democracia, que está a enfrentar imensos desafios”. A que eu, aqui, acrescento: nessa nobre demanda, que lugar pode ocupar a educação e formação escolar?

Se o tempo em que Schiller refletiu sobre o assunto não era favorável a um ensino e educação massificado que privilegiasse ou sequer concebesse de igual para igual a atitude estética e a científica, agora são as neurociências a reconhecer que a produção de utensílios, tal como a

cultura humana, é devedora do espírito artístico que envolve a pintura, a música, a escrita, o teatro, a dança, a escultura... reforçando, ainda, que é a curiosidade e o jogo que enlaçam os métodos da arte e da ciência, o todo do ser humano. A ciência segmentou-se à medida que a realidade se tornou mais complexa e se impôs a distinção entre operários, camponeses, cientistas, engenheiros, filósofos, médicos, professores, acontecendo o mesmo com a arte com a separação entre escritores, poetas, pintores, escultores, fotógrafos, arquitetos, *designers*, músicos, bailarinos. As artes e as humanidades têm de ser centrais no desenho das novas pedagogias porque:

a eliminação do ensino das artes e das humanidades, substituindo-o por disciplinas mais orientadas para o pragmatismo, como a tecnologia e as ciências é uma reorientação de vistas muito curtas: assume, erradamente, que as artes e as humanidades não são 'pragmáticas', ideia manifestamente absurda [...] que irá tolher o desenvolvimento de cidadãos plenos (DAMÁSIO, 2015, p. 7).

Se a dúvida ainda persistir, estando atento a quem se debruça sobre

o processo educativo desde as mais tenras idades sob o ponto de vista da vida em comum, ajudando cada indivíduo a reconhecer-se como parte ativa da sociedade onde se insere e da humanidade que partilha, resta reconhecer que:

Nos programas artístico/estético-educativos que tentam superar o afastamento de certas comunidades marginalizadas para os programas de educação formal, escolarização, mostram que a ação educativa, sensível à beleza e à liberdade de imaginação que estão presentes nas manifestações artísticas, abre a possibilidade para a alteridade, para o reconhecimento do outro (HERMANN, 2005, p. 74).

Um Modelo para a Educação: *Ver com os Ouvidos e Ouvir com os Olhos*

A expressão "Ouvir com os olhos" é colhida num verso do soneto 23 de Shakespeare: "Olhos ouvir, do amor é fino espírito". No entanto, a sua origem é bem anterior, porque Agostinho de Hipona, ao especular sobre o lugar do sensível no caminho para a perfeição, na conciliação das características materiais e espirituais do homem, da carne e do es-



pírito, ou seja, para o encontro do homem com Deus, em *Da trindade* e outros escritos em torno da educação plena, que para ser integral tem obrigatoriamente de incluir os sentidos, estatui que “o ouvido vê através do olho e o olho escuta através do ouvido”^[4].

Estas expressões são revisitadas ao longo da segunda metade do século XX e servem de inspiração, por exemplo, ao psicanalista Masud Khan (1924-1989) em “Ouvir com os olhos: notas clínicas sobre o corpo como sujeito e objeto” (1971)^[5]. Também o neurocirurgião e professor universitário João Lobo Antunes (1944-2016), autor da *Nova Medicina*^[6], intitulou uma interessante obra *Ouvir com Outros Olhos*^[7]. Se ao tem-

po em que assim se expressava, embrenhado na sua profissão altamente científica e tecnológica, era uma ousadia, hoje em Portugal, a escola médica já não esconde o desejo de se debruçar sobre a subjetividade na formação daqueles e daquelas que estudam medicina, curso que é constituído por uma diversidade de saberes ou ciências. Neste desiderato, o Instituto de Ciências Médicas Abel Salazar – ICBAS (Porto) oferece, na formação médica, mesmo que a título optativo, a Unidade Curricular *Introdução à Poesia* no curso de Medicina, lecionada pelo médico e poeta João Luís Barreto Guimarães, e a pediatra Margarida Lobo Antunes encontra-se empenhada num projeto designado Medicina Narrativa, que começa a ganhar força, porque, em torno do mesmo, vai havendo uma boa adesão de médicas e médicos de variadas especialidades que o referem como prática quotidiana. O objetivo é recuperar a medicina como ciência humana, o diálogo entre médico e doente, na tentativa de que esta formação científica que assenta nos melhores avanços da ciência e da tecnologia volte às origens, porque, como realisticamente se antevê, a evolução tecnológica e a inteligên-

[4] Cf. COUTINHO, Gracielle Nascimento (2012). “A Construção do Conhecimento Sensível em *A Trindade* de Santo Agostinho”. *Kinesis*, vol. IV, nº 7, pp. 1-16. JALES, Francisco Venceslau de Oliveira; NASCIMENTO, Ana Priscila do (2018). “O Conhecimento Sensível em Agostinho de Hipona”. *Polymatheia. Revista de Filosofia*, vol. 11, nº 19, pp. 28-45.

[5] Cf. KHAN, M. (1977). Ouvir com os Olhos: Notas Clínicas Sobre o Corpo Como Sujeito e Objeto. In *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Francisco Alves, pp. 285-304.

[6] Cf. ANTUNES, João Lobo (2012). *A Nova Medicina*. FFM.

[7] Cf. ANTUNES, João Lobo (2015). *Ouvir com Outros Olhos*. Gradiva.

cia artificial farão diagnósticos mais certos que os médicos, tendo a medicina que se voltar para aquilo que suporta a Humanidade. Bem sei que, para já, estes e outros exemplos semelhantes se devem fundamentalmente à personalidade e ao peso institucional dos seus promotores. Alguns findarão com a sua atividade porque as vaidades humanas, como é regra, acabam por prevalecer em relação ao bem comum. Aos poucos e mesmo que a um ritmo lento, o impulso estético na formação científica e tecnologicamente mais avançada, também se vai fazendo, o que me leva, de novo, a questionar: porque é que a educação oficial e obrigatória, que é a mais determinante na formação dos indivíduos, não segue os mesmos trilhos?

À educação compete conservar e inovar, estar aberta ao mistério e ao imprevisível, porque, de facto, prende-se com o natural decurso da vida. Para tanto, é necessário estar na posse de um conhecimento o mais alargado possível e a maioria dos indivíduos, mesmo com a massificação da informação, só o obterá em instituições mais ou menos especializadas, pois é unânime reconhecer que “informação não é conhecimento e co-

nhecimento não é sabedoria”. Formar os cidadãos para o futuro exige uma nova disposição que permita o desenvolvimento de outras capacidades que não são consideradas pela escola, sendo necessário retornar à essência das coisas.

António Sampaio da Nóvoa, antigo Reitor da Universidade Clássica de Lisboa e agora titular de uma cátedra da UNESCO sobre o futuro da educação, em um depoimento guiado e comentado por Jorge Andrade, recolhido do *Diário de Notícias online* de 22 de fevereiro de 2023, refere que “no mundo, metade dos alunos termina a escola sem ter aprendido praticamente nada”. No que concerne ao papel da Ciência, Educação e Conhecimento na sociedade atual, este é um dos maiores embaraços, porque a educação tornou-se efetivamente obrigatória em praticamente todos os cantos do mundo, ocupando os primeiros 18 anos de vida. Se ao tempo de a escolaridade obrigatória juntarmos a formação profissional ou universitária, com currículos extensos que ocupam anos infintos assentes na memorização e reprodução, quanto tempo resta a cada um para o cuidado de si ou para aprender aquilo que



mais lhe interessa e que mais satisfação lhe dá?

Nóvoa destaca George Steiner e, de entre a multiplicidade dos seus escritos, aqueles em que se ocupa da música, na qual vê uma espécie de linguagem universal, capaz de servir, de igual modo, a todos, e cita a cantora, compositora e poetisa brasileira Maria Bethânia, que afirma que “A música é a língua materna dos deuses”. A condição humana nunca prescindirá, nem no expoente da Inteligência Artificial, do ensino e da aprendizagem de mestres e discípulos. Tudo mudará e terá de se adaptar às novas realidades, mas não a relação entre quem detém o conhecimento e aqueles que desejam adquiri-lo. Talvez a inteligência artificial venha a repor os mestres na sua humanidade com o devido respeito pela multidão de professora/es atuais, indivíduos mecanizados e “programados” superiormente para massificarem um ensino e formação, que, essa sim, poderá com proveito e poupança económica ser dispensada pela emergente inteligência artificial, pois uma coisa é ensinar a fazer e a fazer bem, outra coisa é despertar o pensamento e a crítica, características que plenamente só outro ser humano pode exponenciar:

Despertar noutro ser humano poderes e sonhos além dos seus; induzir nos outros um amor por aquilo que amamos; fazer do seu presente interior o seu futuro: eis uma tripla aventura como nenhuma outra (Nóvoa, 2023).

A valorização do sensível não aparece por oposição à ciência a quem se deve, goste-se ou não, o essencial do progresso material que a humanidade tem conseguido. Mesmo que quase sempre seja o interesse na guerra que proporciona os seus feitos, as suas conquistas acabam por servir a paz e a harmonia possíveis de uns com os outros.

Nóvoa tem aqui presente *Reimagining our Futures Together*^[8], terceiro relatório da UNESCO, de 2021, dedicado ao futuro da educação. Na abertura do documento é salientada a necessidade de “um novo contrato social para a educação que possa reparar as injustiças enquanto transforma o futuro”, no reconhecimento de que “estamos a viver a maior transformação de que há memória na história da educação. O contrato social celebrado no século XIX

[8] Cf. *Reimaginar Nossos Futuros Juntos: um Novo Contrato Social para a Educação*. UNESCO, 2022.

tinha dois grandes pilares: a obrigatoriedade escolar para a infância e um modelo escolar normalizado em torno da sala de aula”. Nóvoa, como todos os pedagogos da sua geração, formou-se e trabalhou no paradigma de que a escola pública se assumia como organismo central e, no encalço do pensamento pedagógico de Darcy Ribeiro, ex-Ministro da Educação do Brasil e ideólogo da Universidade de Brasília, considera a educação escolar massificada como “a maior invenção do mundo”. Este contrato cumpriu o seu papel, mas agora está ultrapassado ou deixou-se ultrapassar. A renovação do tradicional paradigma educacional impõe-se, pois, às gerações mais novas e os ambientes onde se movem já pouco têm que ver com o acordo que vigorou em torno da educação durante o século XX. Os ambientes educativos são hoje diversos e, por isso, é urgente pensar a educação para além da escola, em todas as idades, tempos e lugares. A escola tem de se constituir como espaço onde todos aprendam, independentemente da sua idade e circunstância, mas, se não se transformar, a formação que ministra acabará por não poder ser transformadora da sociedade:

os alunos devem adquirir conhecimentos, mas também compreender o modo como as diferentes disciplinas se organizam e produzem conhecimento. É isso que lhes permitirá um olhar crítico, esclarecido, sobre as ‘inverdades’ que circulam a um ritmo alucinante” (Nóvoa, 2023).

Nóvoa lembra um relatório do MIT (Massachusetts Institute of Technology), que alerta para a “necessidade de uma educação construída em torno de temas e problemas, com base em projetos de investigação, produção e criação dos alunos. O mais importante é sempre o trabalho dos alunos, a forma como estudam, procuram, criam, resolvem problemas, individual e coletivamente. Ninguém se educa sozinho. Precisamos dos outros para nos educarmos. A pedagogia é conseguir que os alunos trabalhem, mas que o façam com sentido, emoção e curiosidade” (2023). Era fácil a escola aliciar os alunos para as aprendizagens porque podia mostrar-lhes a diferença abissal de bem-estar material entre aqueles que tinham formação escolar ao mais alto nível e quem mantinha a escolaridade mínima ou nenhuma. Ante a escolaridade que se tornou



obrigatória, Nóvoa refere haver “cada vez mais alunos que abandonam a escola privados de tudo: sem um mínimo de conhecimentos e de cultura, sem o domínio das regras básicas da comunicação e da ciência, sem qualquer qualificação profissional”. Como se diz na entrevista, Nóvoa tinha impresso e assinado estas observações na *Revista Saber e Educar*, em 2006, há 17 anos. Sendo, na atualidade, pelas ocupações na UNESCO, um pedagogo otimista e servidor ao longo de décadas da causa educativa, é estranho ouvir pronunciar-se no sentido de considerar que, na realidade, a sociedade educativa está pior, tendo sido agravada pelos dois anos da pandemia que trouxeram outras desigualdades: “Segundo a UNESCO, no mundo, metade dos alunos terminam a escola sem terem aprendido praticamente nada. É inaceitável. Muitos consideram que é preciso investir mais na educação. Têm razão. Mas não basta” (2023). A pandemia teve a duração de dois anos e como aqui se diz e as observações de Nóvoa quase duas décadas antes, apenas agravou um problema que tinha um rasto acentuado. Não haverá leis abstratas, tecnologias elaboradas ou métodos avançados que melhorem

o funcionamento da escola atual. E aponta dois erros à cúpula educativa, isto é, à instituição universitária: “a hiperespecialização [‘os instruídos incultos e os cultos ignorantes’] e o híper produtivismo [‘universidades como fábricas de artigos’]” (2023). E a seguir desenvolve um pouco, como se fosse um simples professor universitário, porque de facto, Nóvoa não foi apenas um professor universitário, geriu e ajudou a decidir durante décadas os objetivos da Universidade Clássica de Lisboa.

Suponho que, na altura em que desempenhou os cargos designados, tal como hoje, tenha sinceramente sentido que “A essência de uma universidade está na diferença. A universidade é um lugar único, marcado pela relação intergeracional e pelo diálogo entre todas as formas de conhecimento. Quando procura copiar as lógicas de funcionamento e as métricas das outras instituições, a universidade empobrece-se e torna-se irrelevante”. E, de facto, teve poder para alterar, pelo menos um pouco, esta maneira de funcionar, pois, agora arredado do poder de decisão, para reforçar os seus argumentos, cita as palavras da tomada de posse, em 2007, da Reitora de Harvard: “A universidade

é responsável perante o passado e perante o futuro – não só, nem sequer primordialmente, perante o presente” (2023). Na verdade, são os que governam as universidades, como foi o seu caso, que instituem os critérios do seu funcionamento que agora, sem responsabilidades institucionais contesta: a hiperespecialização que torna os indivíduos muito bons no seu saber e completos ignorantes nos saberes vizinhos, algo que se aplica aos que cultivam e se especializam em qualquer saber científico ou àqueles que dominam o saber humanístico e artístico, mas ignoram a ciência e a tecnologia, como no decorrer da conversa se ilustra com uma citação de Michel Serres quando destaca “duas populações de imbecis: os instruídos incultos, cientistas que não querem saber nada da cultura geral, humanística; e os cultos ignorantes, letrados que ignoram totalmente a matemática, a física ou a biologia” (2023). E pouco haverá a fazer quando a universidade obriga a produzir ciência ou conhecimento, ou melhor, a reproduzir o trabalho feito porque só aceita o que os auto-acclamados pares determinam, em verdadeiro horror à criatividade e inovação, que o reconhecimento da-

queles que se leem e repetem sucessivamente, não tendem a aceitar, ou como é comum afirmar, a reconhecer. O conhecimento, a inovação e a criatividade não são compagináveis com a velocidade em que se passou a viver nem com a exposição imediata de resultados que nada ou quase nada medem. Há milénios que existem universidades ou escolas afins e só agora surgem as atuais descobertas e realizações científicas, o que prova que a efetivação do conhecimento é demorada e advém da disposição para o inútil imediato. Mas isso também não é novo, uma vez que qualquer vida, onde se incluem as de todos aqueles que produzem ciência e conhecimento útil, só leva a esses resultados depois de muitos anos de tempo inútil, de observação e de contemplação, que é o da infância e de parte da formação mais técnica e científica que a escola ministra àqueles que a frequentam nos vários graus. O reputado e erudito professor de retórica Agostinho de Hipona (354-430), com mais de 70 anos de idade, pronunciava-se assim: “quem não recuaria horrorizado e preferiria perecer se lhe dessem a escolher entre a morte e voltar à infância e à escola”.

O progresso e os ganhos que nos tem trazido são fruto do vagar com



que os seres humanos se relacionam e competem uns com os outros e do desejo de ver concretizados ideias e projetos que se tornam a razão de ser daqueles que os acalentam e dos que se nutrem deles. Todo o progresso é o resultado das formas particulares que primeiramente são individuais e sensoriais com que cada qual se envolve com aquilo que o rodeia, como encara o legado que recebeu e como projeta o tempo a vir. O digital e a inteligência artificial são criações humanas, levadas a cabo por humanos e destinados à vida humana. O que forem ou não forem, só aos humanos diz respeito. Na verdade, continuamos apenas a ter de lidar com os produtos da nossa criatividade e a concretização dos nossos desejos. Também aqui, ante a opressão do fazer e do produzir que tão bem conhece, cita, em forma de desencanto, George Steiner que refere estarmos a viver:

hoje o mais longo dos dias. Este dia é o sábado, o dia do Epílogo, que nos deixa na expectativa do domingo o dia que nos libertará da inumanidade e da escravidão [...] a dimensão estética, provavelmente, deixará de ter lógica ou necessidade (1993, p. 205).

Na prossecução dos caminhos da mudança, Nóvoa convidou, de novo, o neurocientista António Damásio para um dos eventos promovidos com a chancela da UNESCO. Convém referir que Damásio, desde há muito, se mantém empenhado na discussão em torno do futuro da educação ou da renovação da educação e instrução que os Estados hoje obrigam todos os cidadãos a frequentar. Em entrevista recolhida por Rui Oliveira e publicada no *Diário de Notícias online* a 23 de fevereiro de 2024, continua a demanda para que se recupere a via da sensibilidade nos programas oficiais de ensino e educação oficiais. A conferência de António Damásio surge inserida no ciclo de *reflexão* “Futuros da Educação”, difundida pela Cátedra UNESCO, onde expõe a questão *The New Science of Consciousness*. O primeiro apontamento vai para António Damásio quando refere: “Não sou especialista em educação, sou cidadão do mundo ocidental, sou neurobiologista e um cidadão informado” (2024). O que é um bom princípio, pois como é costume, as suas reflexões poderão ajudar a moldar as bases da educação do futuro pelo conhecimento prático de um saber emer-

gente, onde as sociedades se encontram imersas. Se a ciência em que se afirmou o desenvolvimento escolar massificado mostra grandes falhas na formação de cidadãos críticos, livres, responsáveis e participativos nas comunidades locais e no mundo global, é porque a exclusiva racionalidade em que baseou toda a aprendizagem não se adapta às necessidades naturais do ser humano, pois, como refere Damásio:

Os sistemas educativos não estão a responder aos desafios que enfrentamos atualmente. A situação inclui uma transformação profunda do dia a dia que se relaciona com diversos fatores, como a aceleração do ritmo de vida, a perda de influência de sistemas religiosos que, tradicionalmente, têm funcionado como moderadoras da agressividade e da violência, a transformação do entretenimento que, no presente, é muito mais violento do que no passado. O fator que possivelmente é o mais importante prende-se com a transformação imposta pelas redes sociais (2024).

A ideia de que as redes sociais exponenciam a violência e o confronto, vista assim, sem mais reparo, pare-

ce-me não ser a mais adequada. Primeiro, porque a sociedade sempre foi violenta. Desde o seu aparecimento que vive entre o bem e o mal: períodos de guerra, seguidos de estados de paz que vão alternando com mais ou menos violência. Isso acontece porque a natureza do ser humano assenta na violência. O próprio nascimento é o primeiro ato violento. Se a criança passa nove meses de gestação num mundo só seu, mais ou menos tranquila, quando conhece a vida societária, ao nascer, manifesta-se pesarosamente com choro e desconforto. E não parece que isso seja biológico ou fisiológico. As redes sociais aumentam o isolamento e o conflito social porque criam a sensação de que, estando perto, queremos de facto continuar afastados, e porque são onnipresentes em todos os momentos do quotidiano. Mas apenas mediatizam a violência que nunca nos abandonou. Mas tem razão quando refere:

Hoje, há a substituição da educação, do tempo pessoal e de reflexão, pela diversão e entretenimento. Há o confronto constante com a ação, por vezes violenta, como substituta da reflexão e da calma. Temos uma imagem permanente de violência



e de ação, com a exibição de conflitos e incompatibilidades, em vez de propostas de soluções. É muito difícil as pessoas terem tempo para pensar soluções alternativas quando tudo aquilo que lhes é oferecido é violência e confronto (2024).

Realisticamente, se não podemos vencer as redes sociais, devemos ser capazes de as tornar nossas aliadas. E é nesse aspeto que continua a falhar a educação e formação oficial. Não escapando ao paradigma da sua formação e da sua profissão, acha Damásio que a educação deve tentar ser vista de uma forma científica, submetendo-a ao princípio da realidade sob o escrutínio da física e da biologia porque assim, pensa ele, poderemos estar mais próximos de conhecer o que nos rodeia (física) e o que somos (biologia). E na assunção desta certeza essencialmente científica adianta:

A única forma que vejo de compensar esta realidade é com aquilo que, de uma forma muito genérica, se descreve como artes e humanidades. Ser educado sem o respeito pela realidade da música, das artes visuais, a realidade da literatura, impõe um empobrecimento extraordinário [...].

É essa reunião de elementos que, julgo, terá sido sempre o ideal educativo. Os ideais greco-romanos de educação podem ser perfeitamente adaptados ao momento atual, sem desmerecer nessa adaptação tudo aquilo que a técnica moderna nos oferece (2024).

O que realmente está na cabeça de Damásio não é o retorno ao sensível, mas a sua inclusão, lado a lado, com o cognitivo e racional, porque é necessário que os sistemas de educação consigam:

Dar valor às respostas emocionais é, provavelmente, a melhor maneira de as pessoas perceberem que não é só a razão, não são só os conhecimentos que as vão ajudar, mas também o respeito pelas respostas de carácter afetivo (2024).

As ciências humanas e as artes são o repositório das melhores memórias dos indivíduos, porque são maneiras e reconfigurar o real pelo ponto de vista do indivíduo:

Há exemplos nas ciências humanas, como a filosofia em geral, nas artes, como a pintura, a música e a literatura que dão sinais fortes de como nos podemos reerguer. Uma forma

de elevação que não seja aquela que se vive na internet, nas redes sociais, no momento presente, que é muito deslocada daquilo que é a vida real (2024).

Continuar a pensar e a agir como se a IA e os sistemas artificiais conseguirão substituir totalmente a vida humana, tal como a conhecemos, revelar-se-á uma falsidade, porque a IA é e continuará a ser um produto da inteligência natural e, portanto, só conseguirá reproduzi-la. Em analogia, a IA é parecida com a ideia de Deus: diz-se que a imagem de Deus é imperscrutável, mas nas representações humanas surge sempre à imagem e semelhança dos humanos. Qualquer que seja o produto apresentado pela IA não passará de uma síntese com critério e racionalização dos milhares de milhões ou biliões de informação que um programa altamente eficiente consegue em frações de segundos gerar sobre o que já existe. A IA exige com que trabalhar e esse material de trabalho é a experiência humana:

Há o problema do caminho futuro destes sistemas. Quais são os riscos, mas também as vantagens. No caso das vantagens, se forem bem contro-

lados podem aumentar o poder prático da inteligência humana, embora os problemas que estão ligados ao uso dessa inteligência no que respeita ao desemprego sejam extraordinários: à medida que a autonomia destes sistemas cresce, há a possibilidade destes, chegados a um certo ponto, terem uma autonomia completa (2024).

Não me parece que do ponto de vista educativo sirva para alguma coisa estar a regular as possibilidades e os limites da IA, nomeadamente com os grandes chavões da ética e da moral porque ninguém acredita que os dados da ciência só vão ser usados para o bem humano. Isso nunca aconteceu nem virá a ser sequer uma possibilidade. Os detratores ou limitadores da IA devem lembrar-se que o maior progresso das sociedades se deve ao esforço de guerra e não a qualquer impulso altruísta. A sociedade humana tem de se responsabilizar na totalidade pela criatividade e potencialidades a ela associadas. Aos Estados cumpre apenas estabelecer os limites de cada atuação e o bom senso no uso das descobertas científicas. A cada um compete, face a uma determinada decisão, ponderar os prós e os contras que implique a



IA. O bom ou o mau uso destas ferramentas dependerá sempre da livre vontade de quem as vier a usar. Quer para o bem, quer para o mal. A realidade que é inultrapassável não se combate com legislação e à educação compete ater-se à consciência humana em sentido lato: naquele que tem a ver com os aspetos puramente morais e éticos considerados bons porque verdadeiros e aquela consciência racional que é responsável por nos conhecermos a nós mesmos e aquilo que nos rodeia, valorando positiva ou negativamente. Como Damásio nos lembra:

Não se pode ter consciência no sentido moral sem se ter consciência do sentido do reconhecimento de nós mesmos (2024).

Considerações Finais

Não vale a pena continuar a insistir que a educação não cumpre os seus propósitos porque o sistema é *facilitista* e, por isso, aqueles que frequentam os vários ciclos escolares, sabendo dessa debilidade, não se esforçam por adquirir as aprendizagens essenciais que lhes são prescritas. O problema central é que o modelo tradicional da educação não terá qualquer sucesso na educação de

massas que se tornou obrigatória. As sociedades para que esse modelo de escola foi desenhado há muito que já não existem, porque o público que as frequentava nada tem que ver com o atual. O ensino visava um interesse imediato e escalonado: dirigia-se a alguns cidadãos que, sendo uma imensa minoria, entre eles, também não abundava a vontade de aprender, submetendo-se à formação até a um grau superior para obter proveito social e económico. Enquanto foi elitista e não obrigatória, apenas aqueles que podiam materialmente suportar os estudos continuavam a formação nos níveis mais altos, e aqueles que os concluíam tinham o retorno dos sacrifícios com lugares bem remunerados e posição social reconhecida.

A massificação da educação alargou essas finalidades e igualou mais cidadãos. Mas a escola manteve-se a mesma: insiste apenas no cognitivo e no essencial, continua a replicar os métodos de ensino e aprendizagem clássicos, mesmo que os tenha adaptado aos dados da ciência e ao desenvolvimento psicológico dos indivíduos, nunca deixou de expor, memorizar e reproduzir. A perplexidade para as coisas continuarem iguais ao que sempre foram prende-se com o fac-

to de aqueles e aquelas que durante muitos anos tiveram poder para alterar o sentido das políticas educativas não o terem feito ou não terem deixado que o fizessem e agora que não têm qualquer responsabilidade institucional, mesmo que ocupem cargos de grande visibilidade, insistem que de facto nada de significativo está a ser feito nas políticas educativas que sirva a nova realidade. Quando um lugar de decisão colide com um ideário de rotura, a escolha foi e é sempre por manter a visibilidade e o privilégio, evitando fraturas que ponham em causa o *status quo*, comumente aceite por uns e outros. As situações só se mudam por dentro do sistema. É um erro continuar a pensar que a credibilidade adquirida no exercício de uma função institucional virá a ter impacto estrutural quando essas personagens deixam, com o cessar das funções, de ter qualquer poder transformador. Fora do sistema é fácil falar, mas lá dentro a mudança é difícil de realizar e implica sacrifícios e riscos que os decisores continuam a dispensar.

Antevendo o futuro da educação e a educação do futuro, Agostinho da Silva em *Sanderson of Oundle*^[9]

(1937) (reparem na data!), numa época em que a educação nova ou a escola nova começa a fazer caminho entre nós, já antecipava o que iria acontecer, aqui e nos outros lugares:

Ninguém fugirá da escola e a olhará como um horror no dia em que a deixemos de conceber como o lugar a que se vai para receber uma lição, para a considerarmos como o ponto de condições ótimas para que uma criança efetivamente dê a sua ajuda a todos os que estão procurando libertar a condição humana do que nela há de primitivo; não se veja no aluno o ser inferior e não preparado a que se põe tutor e forte adubo; isso é o diálogo entre o jardineiro e o feijão; outra ideia havemos de fazer das possibilidades do homem e do arranjo da vida; que a criança se não deixe nunca de ver como elemento ativo na máquina do mundo e de reconhecer que a comunidade está aproveitando o seu trabalho; de número na classe e de fixador de noções temos de a passar a cidadão (1988).

[9] Cf. SILVA, Agostinho da (1937). Sanderson of Oundle. *Seara Nova*, 496. In (1988).

Considerações e outros textos. Assírio & Alvim, pp. 43-46.



Bibliografia

- AA. VV. (1966). *Educação Estética e Ensino Escolar*. Europa-América.
- AA. VV. (2011). *Educação Estética e Artística. Abordagens transdisciplinares*. (2ª Edic.). Lisboa: FCG.
- AA. VV. (2017). *Ensaio entre Arte e Educação*. FCG.
- ALVES, Rubem (2018). *Conversando sobre Educação. Por uma Educação Sensível*. Mahatma.
- BARBOSA, Fátima & Pino-Juste, Margarida (2015). *Estética e Educação*. Norprint–A Casa do Livro.
- BEST, David (1996). *A Racionalidade do Sentimento: o Papel das Artes na Educação*. ASA.
- CABRAL, António (2001). *O Jogo no Ensino*. Ed. Notícias.
- CARVALHO, Amorim de (2004). *Estética e Teoria da Arte*. Estratégias Criativas.
- CASTRO, Gabriela (2002). “A Dimensão Estética na Educação”. Medeiros, Emanuel, (org). *Educação: Caminho para o Século XXI. Actas do 1º Colóquio de Filosofia da Educação*. UAçores, 69-75.
- CHINELLATO, Carola Dobrigkeit (2007). *Por uma Razão Estética: um Elo entre o Inteligível e o Sensível*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Brasil).
- CUNHA, Camilo & GONÇALVES, Sara (2015). *A Criança e o Brincar como Obra de Arte. Analogias e Sentidos*. WhiteBooks.
- DAMÁSIO, António (2015). Uma Fábrica para a Cidadania. In AA. VV.. *Fábrica das Artes. Projeto educativo*. CCB, 7.
- DAMÁSIO, António (2020). *Sentir & Saber*. Temas & Debates/C. Leitores.
- DAMÁSIO, António (2024, 23 de fevereiro). “Há a substituição da educação, do tempo pessoal e de reflexão, pela diversão e entretenimento”. *Diário de Notícias Online*. Entrevista de Jorge Andrade. Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/antonio-damasio-ha-a-substituicao-da-educacao-do-tempo-pessoal-e-de-reflexao-pela-diversao-e-entretenimento>.
- DEWEY, John (2010). *Arte como Experiência*. Martins Fontes.
- DIDEROT (2000). “Tratado sobre o Belo”. *Obras II. Perspectiva*, 231-263.
- DUARTE, Ana Cristina; CRISTÓVÃO, Natalina (org.) (2020). *Educação, Artes e Cultura. Discursos e Práticas*. CIE.

- DUBORGEL, Bruno (1992). *Imaginaire et Pédagogie*. Privat.
- GRÁCIO, Rui (1995). *Da Educação I*. FCG.
- HERMANN, Nadja (2005). *Ética e Estética. A Relação Quase Esquecida*. EDIPUCRS.
- HERMANN, Nadja (2010). *Autocriação e Horizonte Comum: Ensaio sobre a Educação Ético-estética*. Unijuí.
- HUIZINGA, Johan (2003). *Homo Ludens*. Ed 70.
- JÚNIOR, João-Francisco Duarte (1981). *Fundamentos Estéticos da Educação*. Cortez Ed.
- KERLAN, Alain (2004). *L'art pour Éduquer? La Tentation Esthétique*. PUL.
- LAMBERT, Maria de Fátima (1993). Aproximações a uma Definição de Educação Estética e da 'Formação do Gosto'. *RPFilosofia*, 49, 1-2, 171-194.
- LÚCIO, Álvaro Laborinho (2008). *Educação, Arte e Cidadania*. Temas e Lemas.
- MANSO, Artur (2023). *Educação Estética. O Belo Enquanto Manifestação do Bem*. Estratégias Criativas.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1992). *O Olho e o Espírito*. Vega.
- MONTEZ, Paulo (1941). *Da Educação Estética*. Casa Portuguesa.
- NÓVOA, António Sampaio (2023, 22 de fevereiro). "Segundo a Unesco, no mundo, metade dos Alunos terminam a escola sem terem aprendido nada". *Diário de Notícias Online*. Entrevista de Jorge Andrade. Disponível em <https://www.dn.pt/sociedade/antonio-sampaio-da-novoa-segundo-a-unesco-no-mundo-metade-dos-alunos-terminam-a-escola-sem-terem-aprendido-praticamente-nada--15878864.html/>.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (2022). *Reimaginar Nossos Futuros Juntos: Um Novo Contrato Social para a Educação*. UNESCO.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (2021). "Lições de Axiologia Educacional". *Obras Escolhidas III* (1989-1995). MIL/DG Edições, 75-257.
- PAVIANI, Jayme (1991). *A Racionalidade Estética*. EDIPUCRS.
- PAVIANI, Jayme (2001). *Apontamentos sobre Educação Estética*. Veritas.
- PEREIRA, José Carlos (2016). *O Valor da Arte*. FFMS.
- PEREIRA, Marcos Villela (1995). "Educação Estética e Subjetividade". *Anais do Simpósio Estadual de Arte-Educação: Arte-educação e a Construção do Cotidiano*. CECOM-URCAMP.



- PERISSÉ, Gabriel (2009). *Estética & Educação*. Autêntica.
- POMBO, Fátima (1993). O Prazer Estético e a Acção Educativa. *RPFilosofia*, 49, 195-204.
- POSTIC, Marcel (1991). *O Imaginário na Relação Pedagógica*. Asa.
- QUINTANA-CABANAS, Jose Maria. (1993). *Pedagogia Estética*. Dickinson.
- RUSSEL, Bertrand (1957). *O Elogio do Lazer*. Editora Nacional.
- SANTOS, Leonel (coord.) (1996). *Educação Estética e Utopia Política*. Colibri.
- SCHILLER, Friedrich (1993). *Sobre a Educação Estética do Ser Humano numa Série de Cartas e Outros Textos*. IN-CM.
- SILVA, Agostinho da (1996). *Namorando o Amanhã*. Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros.
- SOARES, Delfim (1982). Emotividade e Racionalidade no Processo Pedagógico. *RPFilosofia*, 38-2 (4), 707-715
- SOUSA, Alberto (2000). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. 3 vols. Piaget.
- STEINER, George (1993). *Presenças Reais*. Presença.
- TOLSTOI (2018). *O Que é a Arte?* Gradiva.
- TRILLA, Jaume (1996). *La Pedagogia del Ócio*. Laertes.
- VIGOTSKY (2012). *Imaginação e Criatividade na Infância*. Dinalivro.